



Edição
36

Boletim de Conjuntura Industrial

Editorial

A Edição 36 do Boletim destaca a inflação fora da meta, níveis de confiança caindo, SELIC elevada e retração de produções. O impacto das tarifas de importação impostas pelo governo dos Estados Unidos afetaram significativamente a produção e exportação de metais ferrosos no Brasil.

A Pesquisa de Estabilidade Financeira realizada pelo Banco Central do Brasil revela que os riscos fiscais são a principal preocupação das instituições financeiras, superando outros riscos como inadimplência e cenário internacional. Apesar do cenário desafiador, a confiança na estabilidade do Sistema Financeiro Nacional permanece alta.

O Relatório Firmus, que mostra um aumento nas expectativas de inflação e uma piora na percepção sobre a situação econômica atual entre os empresários. As empresas projetam aumento nos custos de mão de obra e insumos, mas a expectativa para reajuste de preços perdeu força. Já o Boletim Focus indica uma diminuição nas expectativas do IPCA, taxa de câmbio e SELIC para o ano corrente,

mas as variáveis macroeconômicas ainda são desfavoráveis. O índice de confiança do empresário industrial apresentou variação negativa em abril, com queda em quatro das cinco regiões do Brasil.

A produção de aço bruto, que apresentou um aumento significativo em março de 2025, aparentemente indica uma retomada da atividade siderúrgica brasileira. O consumo aparente de produtos siderúrgicos também aumentou, devido a uma demanda interna levemente aquecida. Finalmente, os indicadores de produção nacional, mostrando leve crescimento na produção de bens intermediários e de consumo, insuficiente para conter a desaceleração industrial e incertezas globais. A Utilização da Capacidade Instalada apresentou estabilidade em março de 2025, com variações no setores analisados.

Release



Ipea, carta de conjuntura 67 (2T25) – "O tarifaço de Trump"

Em fevereiro de 2025, o governo dos Estados Unidos, sob a presidência de Donald Trump, retomou e ampliou a imposição de tarifas de importação de 25% sobre o aço e alumínio, medida que já havia sido adotada durante seu primeiro mandato (2018) sob a justificativa de segurança nacional. A nova rodada de tarifas, parte da agenda econômica intitulada "America First 2.0", visando proteger a indústria doméstica americana e reduzir o déficit comercial, com destaque para ações contra países como China, México, Canadá e Brasil. No caso do Brasil, os efeitos são particularmente significativos, dado que os Estados Unidos já representam mais de 50% das exportações brasileiras de aço, um número que vem crescendo nos últimos anos. Considerando que cerca de 25% a 30% da produção nacional é destinada ao mercado externo, o mercado norte-americano sozinho responde por mais de 10% do faturamento da indústria brasileira do aço.

Para avaliar os impactos econômicos dessa medida, o Ipea realizou simulações com o modelo de equilíbrio geral computável (EGC) multirregional GTAP, considerando os principais países afetados. Para o Brasil, as estimativas indicam uma queda de 2,19% na produção do setor de metais ferrosos, uma contração de 11,27% nas exportações (equivalente a cerca de

US\$ 1,5 bilhão ou 1,6 milhão de toneladas) e uma redução de 1,09% nas importações. Embora os efeitos macroeconômicos agregados, como no PIB ou no investimento total, sejam pouco expressivos, os impactos setoriais são significativos. O Canadá e o México também apresentam perdas importantes na produção e nas exportações de metais.

Segundo os especialistas do Ipea, o pano de fundo teórico que sustenta essas ações tarifárias está ligado à persistente valorização do dólar enquanto moeda de reserva internacional, fator que, segundo o atual presidente do Conselho de Assesores Econômicos dos EUA, Stephen Miran, prejudica a competitividade da indústria americana ao favorecer as importações e dificultar as exportações. Miran defende que a política comercial e de segurança devem ser vistas como interconectadas, e resume essa visão com a frase, com a frase dita por Trump: "se você não tem aço, você não tem um país". Nesse contexto, as tarifas cumprem múltiplas funções: corrigir desequilíbrios comerciais, pressionar aliados internacionais a compartilharem os custos da segurança e estimular a reindustrialização doméstica, inclusive de setores estratégicos como o aço.

Pesquisa de Estabilidade Financeira – Fevereiro de 2025

Tabela 3.1.1 – Risco considerado mais importante pelas IFs

Risco	Frequência (%) [*]			Probabilidade	Impacto
	Ago 2024	Nov 2024	Fev 2025		
Riscos fiscais	41	42	52	Médio-Alta	Alto
Cenário internacional	23	27	16	Médio-Alta	Alto
Inadimplência e atividade	12	12	13	Médio-Alta	Alto
Risco de liquidez	3	3	4	Médio-Baixa	Médio
Risco de mercado	3	2	3	Médio-Baixa	Médio
Demais riscos	18	13	11	Médio-Alta	Alto

^{*}Porcentagem de vezes que o risco foi citado como o mais importante pelas IFs.

Reprodução: Banco Central.

A Pesquisa de Estabilidade Financeira (PEF) é realizada trimestralmente pelo Banco Central do Brasil com instituições que compõem o Sistema Financeiro Nacional, como bancos, seguradoras, cooperativas e gestoras de recursos. Seu objetivo é mapear a percepção dessas instituições sobre os principais riscos à estabilidade do sistema, avaliar o nível de confiança no ambiente financeiro e acompanhar a dinâmica dos ciclos econômico e financeiro no país.

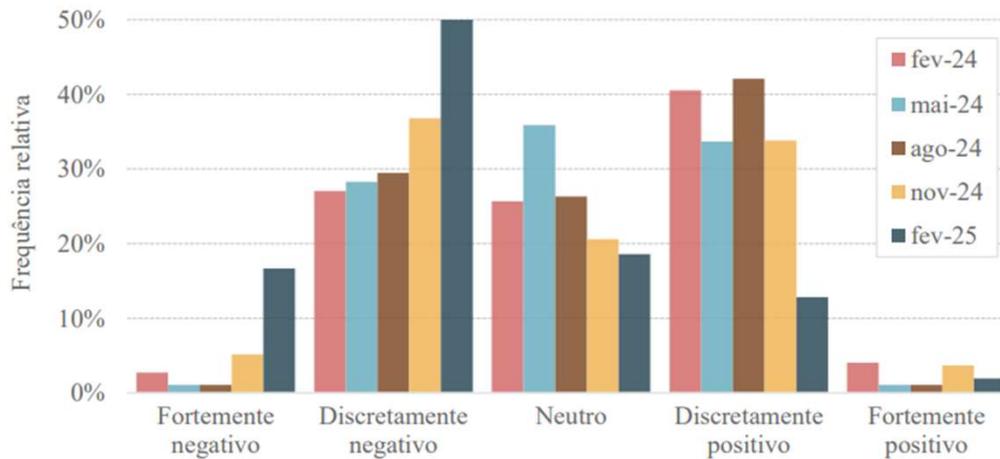
A pesquisa realizada entre janeiro e fevereiro de 2025 mostra que os riscos fiscais ganharam ainda mais protagonismo entre as preocupações das instituições financeiras. Eles foram apontados como o principal fator de instabilidade, com destaque para a preocupação crescente com a sustentabilidade da dívida pública. Esse fator superou com folga outros riscos, como os ligados ao cenário internacional ou à inadimplência, em termos de impacto esperado sobre o sistema financeiro.

Além disso, houve um aumento nas preocupações com a elevação da inadimplência e com a desaceleração da atividade econômica. A percepção dominante é de que o ciclo econômico encontra-se em fase de contração, o que reforça o ambiente de cautela. Também houve deterioração na avaliação dos ciclos financeiros: as instituições demonstraram menor disposição ao risco, observaram piora no acesso a *funding* e liquidez e notaram uma tendência de queda no crédito em relação ao PIB.

Apesar desse cenário desafiador, a confiança na estabilidade do Sistema Financeiro Nacional segue alta. A maioria das instituições avaliou positivamente a capacidade do sistema de absorver choques, sem impactos estruturais. Esse otimismo também se refletiu nas respostas sobre o Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCPBrasil), com ampla concordância quanto à manutenção de seu valor atual, o que sugere estabilidade no curto prazo, mesmo diante de um ambiente econômico mais pressionado.

Relatório Firmus – Primeiro Trimestre de 2025

Gráfico 1 – Situação econômica atual



Reprodução: Banco Central.

O Relatório Firmus é uma pesquisa trimestral conduzida pelo Banco Central com empresas não financeiras, que busca entender como os negócios percebem o ambiente econômico e o que esperam para os próximos períodos. Este relatório complementa o Focus.

A sexta rodada da pesquisa revela um cenário de maior cautela entre os empresários. A percepção sobre a situação econômica atual piorou, com destaque para o aumento do sentimento “discretamente negativo”. Embora a maior parte das empresas ainda espere um desempenho do seu setor igual ou melhor que o do PIB nacional, houve queda nesse otimismo em relação à rodada anterior.

As expectativas de inflação subiram de forma consistente: a mediana das projeções para o IPCA em 2025 passou de 4,2% para 5,5%, e para 2026, de 4,0% para 4,5%. Para 2027, a expectativa está em 4,0%. Ao mesmo tempo, o crescimento do PIB projetado para 2025 se manteve em 2,0%, mas com distribuição mais

dispersa nas respostas. A taxa de câmbio esperada para os próximos seis meses subiu de R\$ 5,70 para R\$ 6,00 por dólar, sinalizando preocupação com o ambiente externo ou com riscos fiscais domésticos.

Do ponto de vista dos custos, mais de 80% das empresas projetam aumento da mão de obra acima de 4% no próximo ano. A mesma tendência é observada nos insumos, com a maioria das empresas esperando alta superior a 4%. Em contraste, as expectativas para o reajuste dos preços dos produtos em relação à inflação perderam força, após duas rodadas de aumento.

Além disso, a expectativa para as margens de resultado piorou: mais empresas passaram a prever resultados inferiores aos atuais. Isso sugere que, mesmo com aumento de custos, o espaço para repasse de preços está se estreitando, o que pode pressionar a rentabilidade.

Boletim Focus – 23/05/2025

Ano	IPCA (%)	PIB (var. %)	CÂMBIO (R\$/US\$)	SELIC (% a.a.)
2025	5,50	2,14	5,80	14,75
Variação	-0,05%	+0,14%	-R\$0,10	0,00%
2026	4,50	1,70	5,90	12,50
Variação	-0,01%	0,00%	-R\$0,05	0,00%

Variação em relação às últimas 4 semanas das expectativas do Boletim Focus.

Fonte: Banco Central.

O Boletim Focus do dia 23 de maio de 2025 mostra uma diminuição para as expectativas do IPCA para o ano corrente, com queda de 0,05 p.p. A taxa de câmbio também teve reduções nessa edição, com uma queda de 10 centavos na cotação. A antevisão para o crescimento do produto apresentou um aumento de 0,14p.p. No entanto, mesmo com queda nas previsões do IPCA e câmbio, bem como um aumento para o PIB, as variáveis macroeconômicas ainda aparentam, de certa forma, desfavoráveis, com a

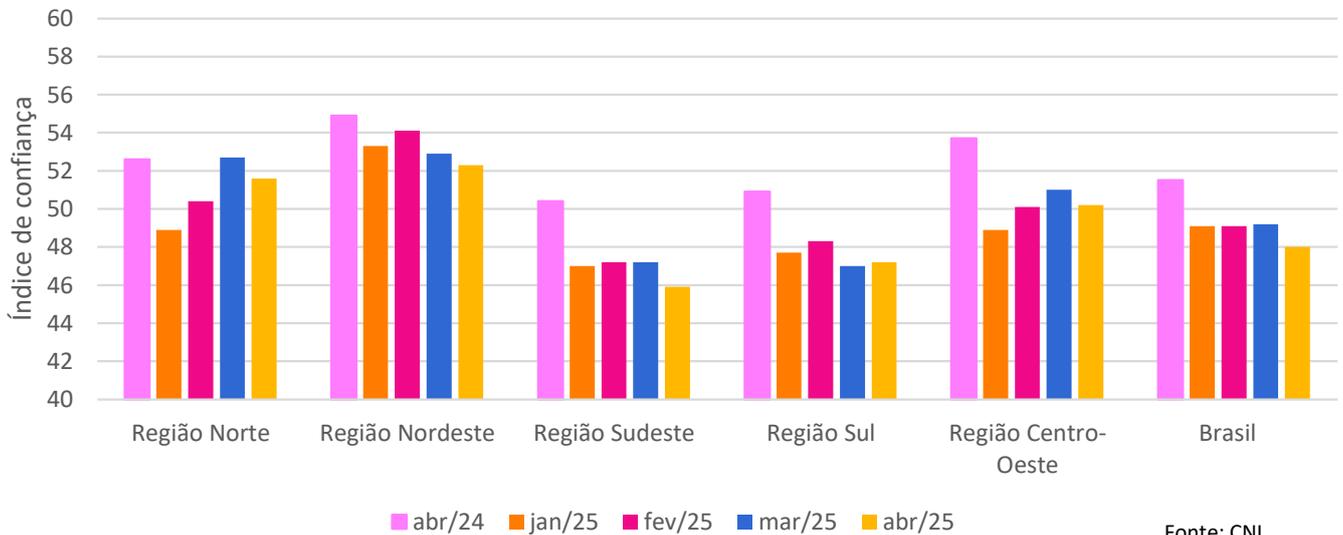
inflação bem acima da meta e uma alta taxa de juros, sendo essa a mais alta desde julho de 2006.

A taxa Selic permaneceu inalterada.

Para o ano seguinte, as previsões para o IPCA tiveram uma queda de 0,01p.p, enquanto as expectativas do produto mantiveram-se inalteradas, bem como as expectativas para a taxa Selic. Por último, a taxa de câmbio mostrou queda de 5 centavos.

Índice de Confiança do Empresário Industrial

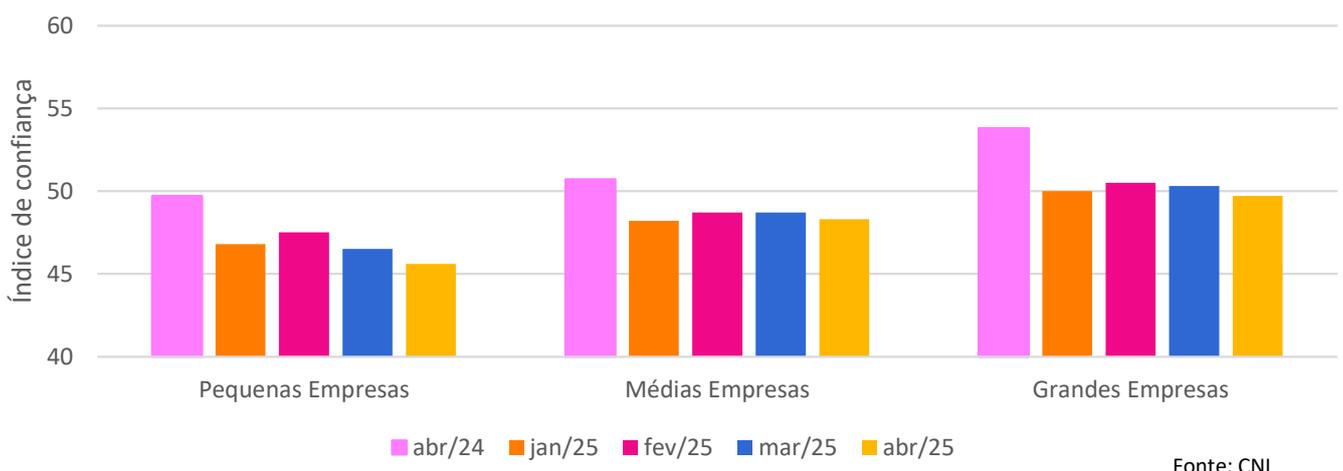
ICEI - Região



Em abril, o índice de confiança do empresário industrial do Brasil apresentou variação negativa de 1,20 ponto. Assim, houve queda em quatro das cinco regiões do Brasil. As reduções foram de 1,30 ponto no Sudeste, 1,10 ponto no Norte, 0,80 ponto no Centro-Oeste e 0,60 ponto no

Nordeste. A região Sul, por sua vez, apresentou aumento de 0,20 da confiança do empresariado. Com as alterações, apenas as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste se encontram acima do parâmetro de confiança de 50 pontos.

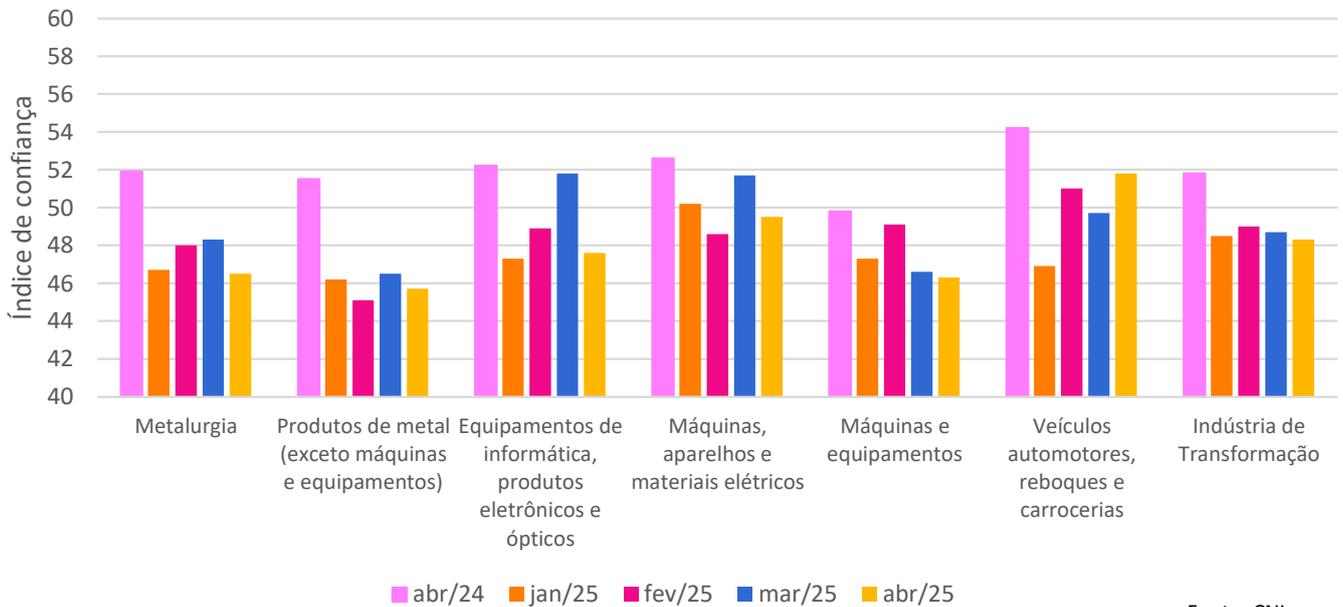
ICEI - Porte de Empresas



Em abril, houve queda da confiança em todos os portes de empresa. As variações foram de -0,90 ponto nas Pequenas Empresas, -0,60 ponto nas Grandes e -0,40 ponto nas empresas de Médio porte. Com essa variação, as Grandes

Empresas passaram para o patamar abaixo do parâmetro de confiança e, dessa forma, as expectativas são pessimistas em todos os portes de empresa.

ICEI - Setores de transformação

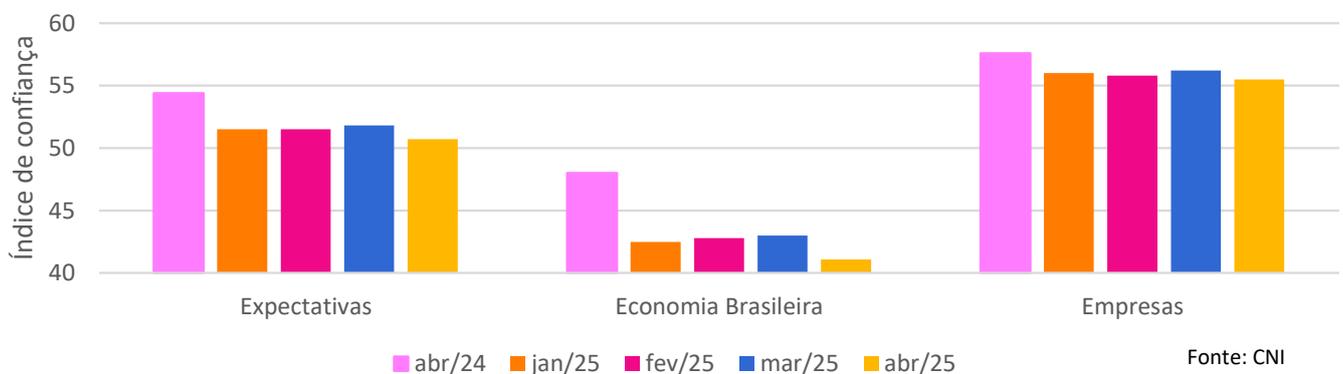


Fonte: CNI

Em abril, houve queda da confiança de -0,40 ponto na Indústria de transformação. Os resultados também foram negativos em cinco dos seis setores estudados. As reduções foram de 4,20 pontos no setor de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, 2,20 pontos em Máquinas, aparelhos e materiais

elétricos, 1,80 ponto em Metalurgia, 0,80 ponto em Produtos de metal e 0,30 ponto em Máquinas e equipamentos. O setor de Veículos automotores avançou em 2,10 pontos. Assim, com exceção do setor de Veículos automotores, todos os subsetores analisados encontram-se abaixo do parâmetro de confiança.

ICEI - Expectativas



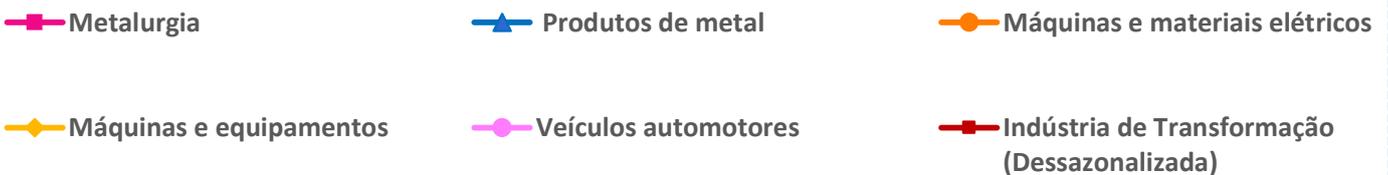
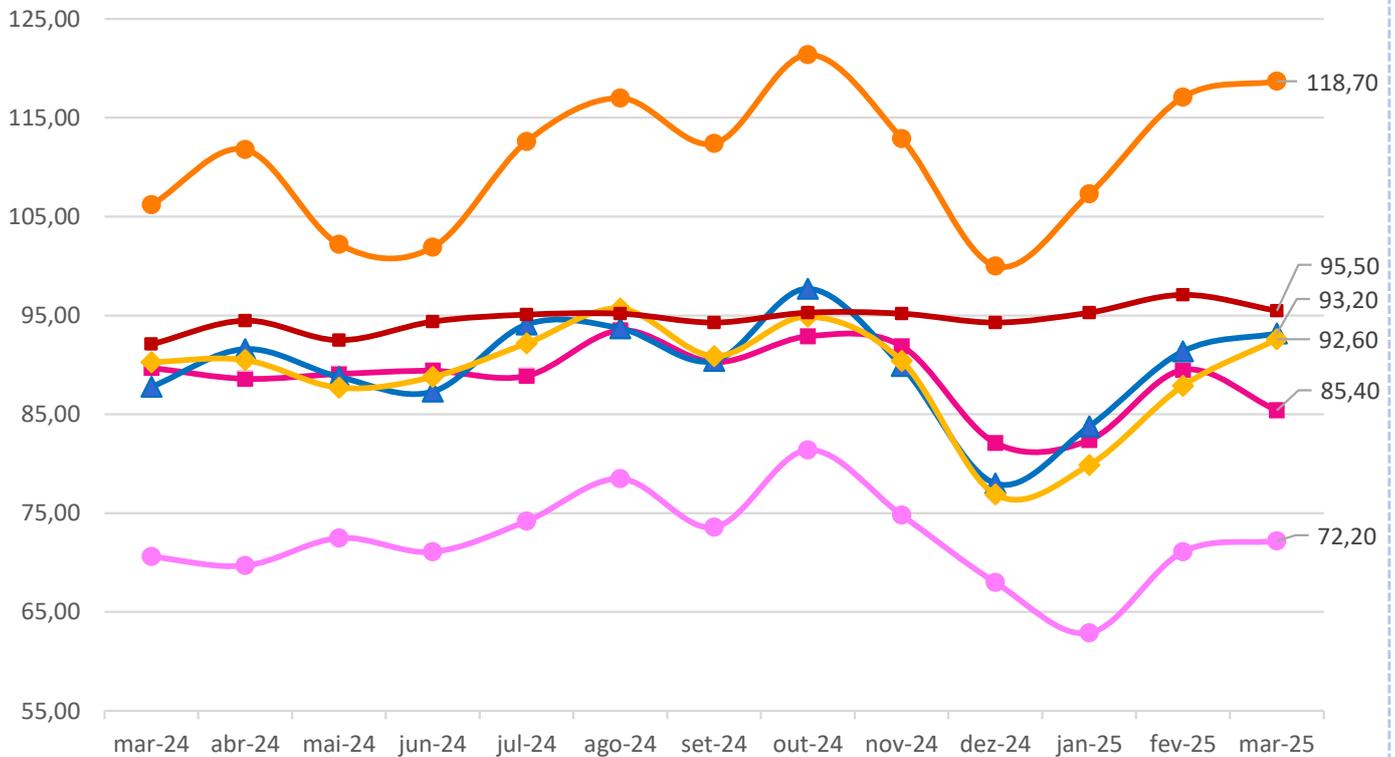
Fonte: CNI

Em abril, o índice de expectativas do empresário industrial em relação aos próximos 6 meses apresentou queda de -1,10 ponto. As expectativas em relação à economia brasileira e

ao cenário interno das empresas no mesmo período apresentaram reduções de -1,90 e -0,70 ponto, respectivamente.

Horas trabalhadas na produção

Horas trabalhadas na produção - base fixa - Brasil - CNI



Fonte: CNI

O índice de horas trabalhadas na Indústria de Transformação brasileira apresentou queda de 1,65% em março de 2025, segundo o indicador elaborado pela Confederação Nacional da Indústria. Em relação à março de 2024, houve avanço de 3,69% na série dessazonalizada.

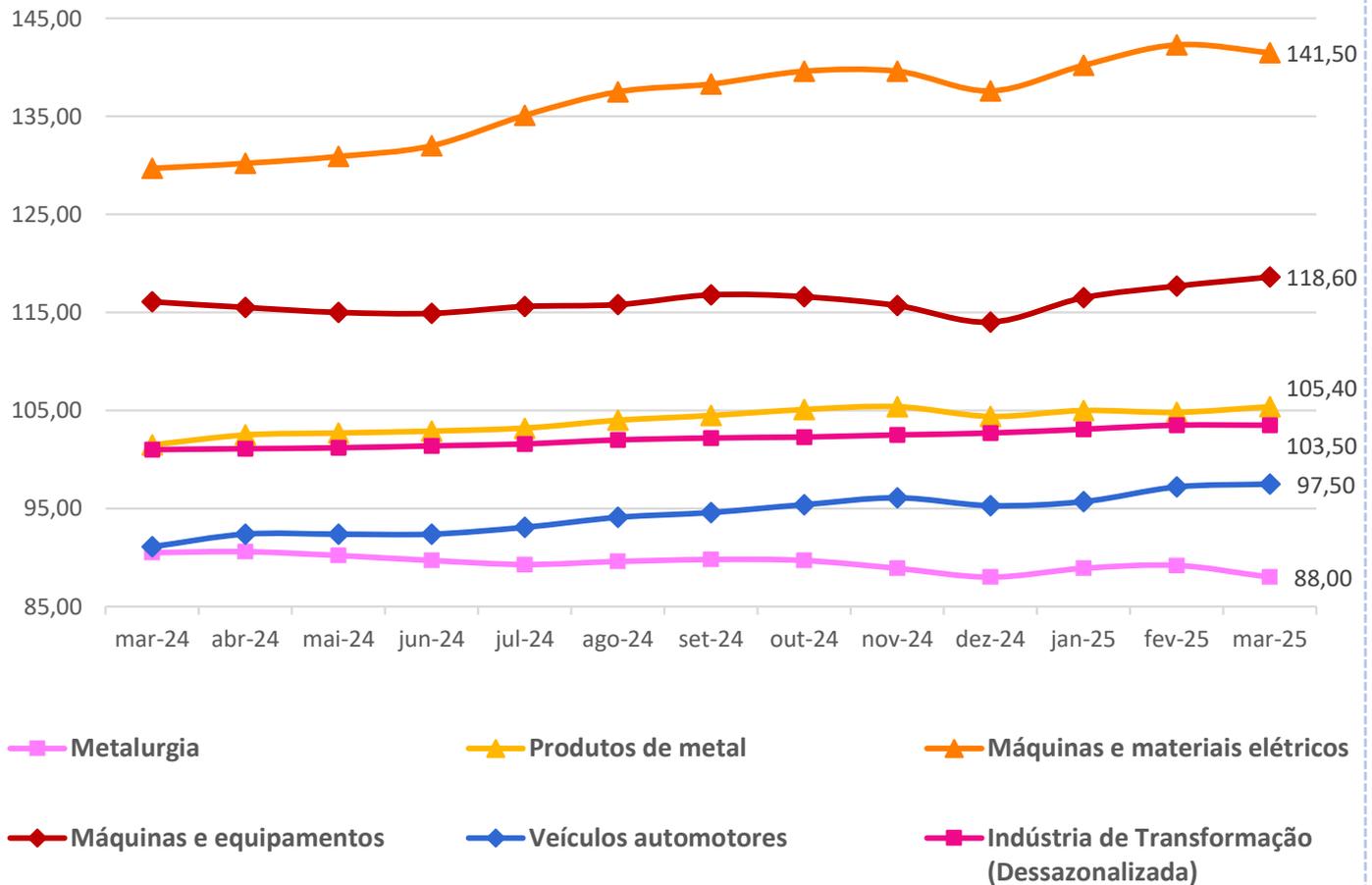
Entre os cinco subsetores analisados, verificou-se aumento em quatro deles, com os seguintes resultados:

- **Máquinas e equipamentos:** 5,35%
- **Produtos de metal:** 1,97%
- **Veículos automotores:** 1,55%
- **Máquinas e materiais elétricos:** 1,37%
- **Metalurgia:** -4,58%

Em relação ao início do ano de 2025, houve aumento de 0,21% nas horas trabalhadas, com destaque para o setor de Máquinas e equipamentos, cujas horas trabalhadas avançaram em 15,89% no período.

Emprego Industrial

Emprego industrial - base fixa - Brasil - CNI



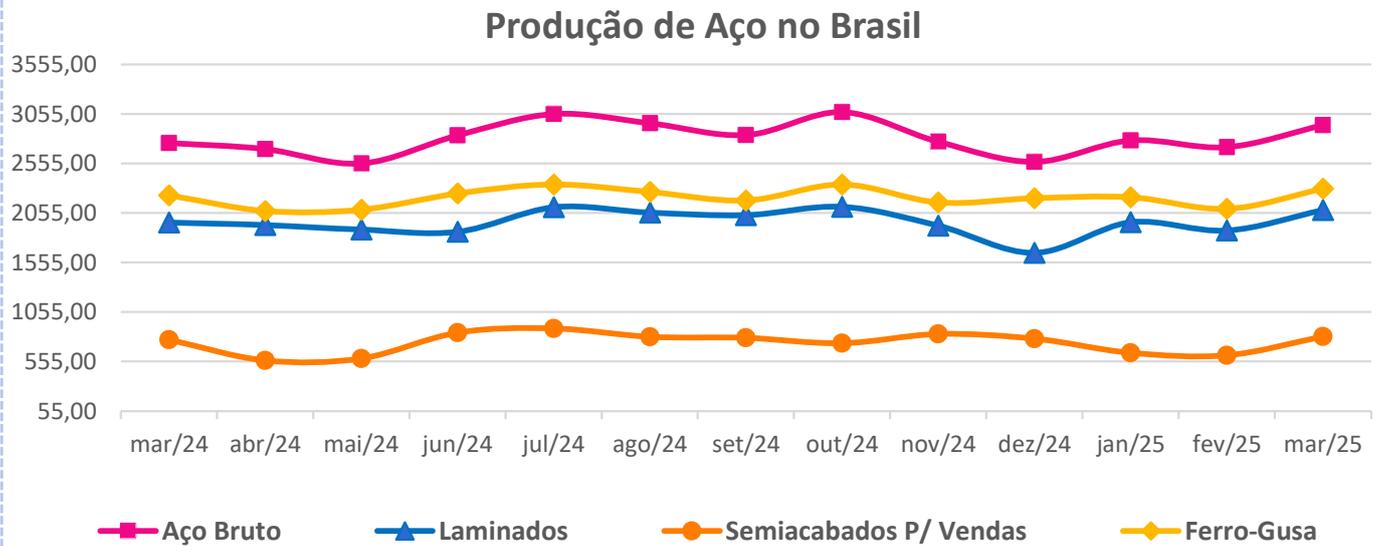
Fonte: CNI

O índice de emprego do setor da Indústria de Transformação apresentou estabilidade no mês de março, segundo dados divulgados pela CNI. Entre os subsetores estudados, verificou-se os seguintes resultados:

- **Máquinas e equipamentos:** 0,76%;
- **Produtos de metal:** 0,57%;
- **Veículos automotores:** 0,31%;
- **Máquinas e materiais elétricos:** -0,56%.
- **Metalurgia:** -1,35%.

Em relação ao mês de março do ano anterior, o índice de emprego industrial subiu em 2,48%, mas o resultado estável no mês interrompeu a sequência de 17 meses com avanços no indicador. Em relação ao início do ano, o resultado é positivo, com aumento de 0,39%.

Produção de aço



A produção de aço bruto em março de 2025 foi de 2.944 mil toneladas, representando um aumento de 224 mil toneladas em relação ao mês anterior e uma alta de 6,6% na comparação com março de 2024. No acumulado de janeiro a março deste ano, a produção foi de 8.500 mil toneladas, demonstrando um crescimento de aproximadamente 2,8% quando comparado com o mesmo período no ano anterior.

A produção de laminados atingiu 2.087 mil toneladas, resultado 0,9% superior ao mês de fevereiro e 6,6% (218 mil toneladas) acima do registrado no mesmo período do ano passado. Semiacabados para vendas totalizou 808 mil toneladas em março, um crescimento prático de 189 mil toneladas em relação a fevereiro de 2025, e um avanço de 2,9% na comparação anual. Ademais, neste mês, a produção de ferro-gusa foi de 2.302 mil toneladas, apresentando um aumento de 205 mil toneladas em relação a fevereiro e de 67 mil toneladas em relação a

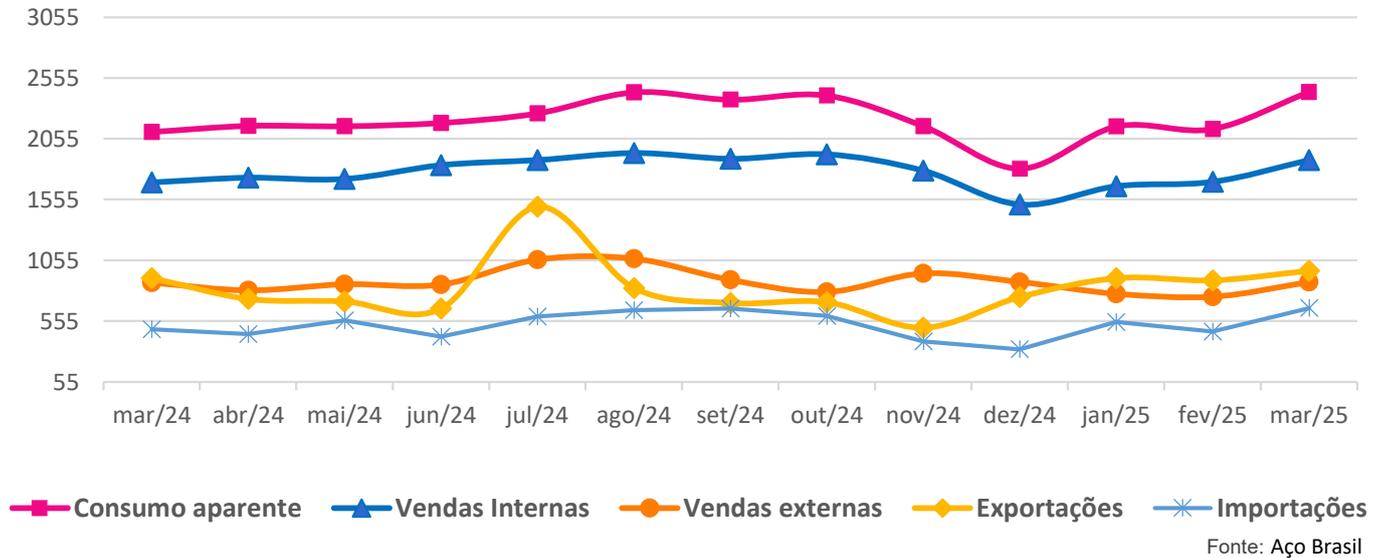
março de 2024.

Em suma, observa-se uma retomada da atividade siderúrgica brasileira em março de 2025. O crescimento generalizado na produção de aço bruto, laminados, semiacabados e ferro-gusa pode indicar um reaquecimento da demanda doméstica e o reposicionamento estratégico da indústria diante da valorização do consumo interno. A recuperação na produção de semiacabados pode estar associada à reorganização logística e comercial após distorções nos embarques de exportação em meses anteriores.

Além disso, a melhora nos dados pode refletir também a estabilização de expectativas no mercado internacional, mesmo diante da continuidade da concorrência com produtos importados e dos efeitos da política comercial dos principais destinos de exportação do aço brasileiro, como os Estados Unidos.

Indústria Siderúrgica

Comercialização de Aço no Brasil



O Instituto Aço Brasil divulgou os dados mensais sobre a comercialização de produtos siderúrgicos referentes a março de 2025. O consumo aparente, totalizou 2.440 mil toneladas, refletindo um aumento de 14,2% na demanda total do mercado em relação a fevereiro e de 15,6% na comparação anual, reforçando o movimento de recuperação mais consistente da demanda interna.

As vendas internas somaram 1.880 mil toneladas, um avanço de 10,6% frente ao mês anterior e de 10,8% na comparação com março de 2024, indicando que o mercado doméstico tem sido um pilar importante para a sustentação da produção siderúrgica no país.

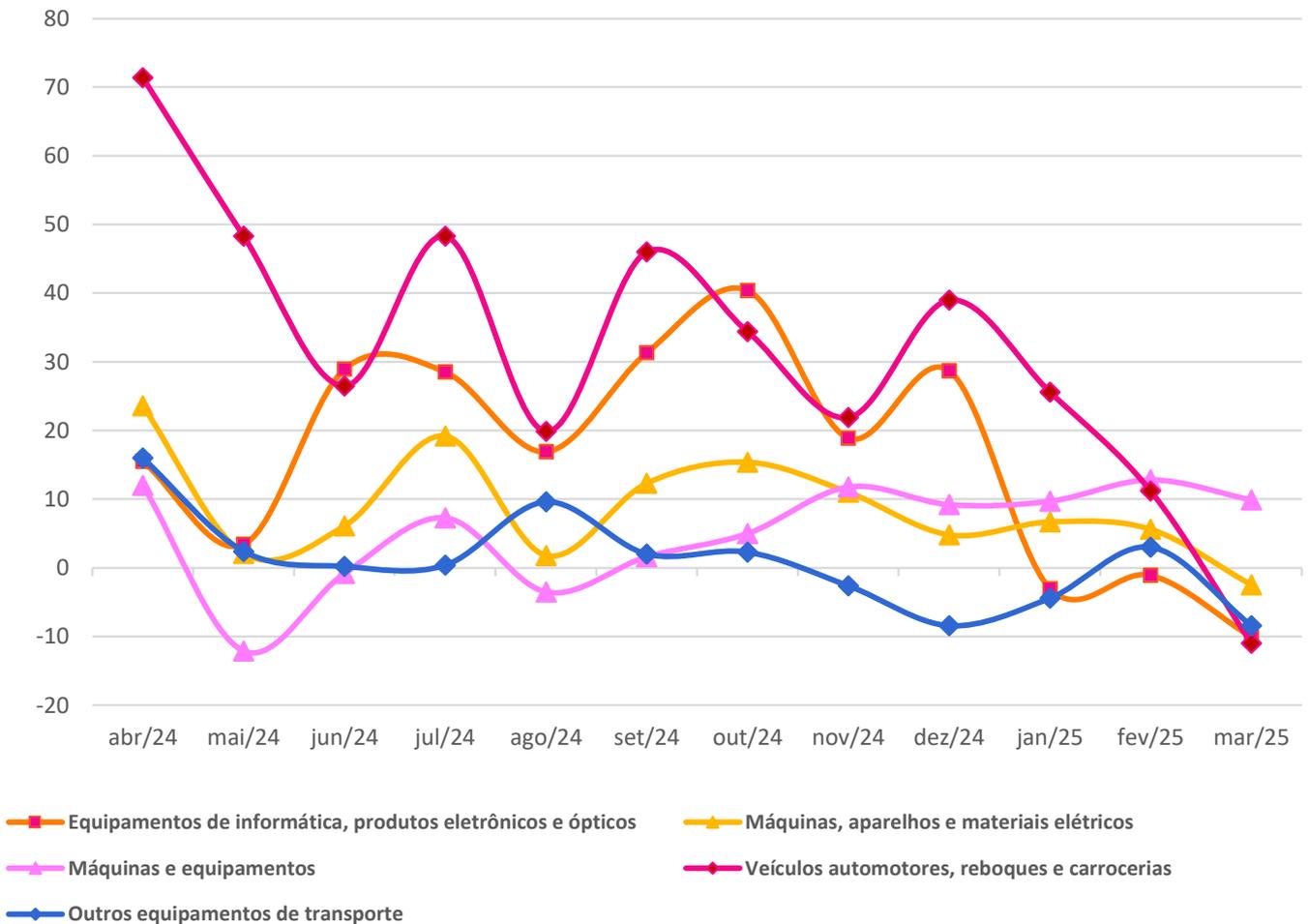
As exportações totalizaram 970 mil toneladas, marcando uma alta de 8,7% em relação a fevereiro, e um crescimento de 7,8% em comparação em relação ao ano anterior. Por sua vez, as importações somaram 663 mil toneladas

em março, um aumento significativo de 41,3% frente a fevereiro e de 36,5% na comparação anual.

Diante desse cenário, o setor siderúrgico brasileiro mantém-se em estado de cautela estratégica, diante da dualidade entre um mercado interno em recuperação e os riscos crescentes no ambiente externo. O forte crescimento das importações acende um alerta para a indústria nacional, pois representa uma elevação na concorrência com produtos estrangeiros, num contexto em que a taxa de penetração das importações já vem ganhando espaço no consumo aparente interno. Diante deste cenário, a consolidação da demanda doméstica será essencial para manter a utilização da capacidade instalada, enquanto a pressão das importações e o protecionismo em mercados chave exigem monitoramento contínuo e possíveis ações de defesa comercial.

Indicadores de Produção Nacional

Bens de Capital



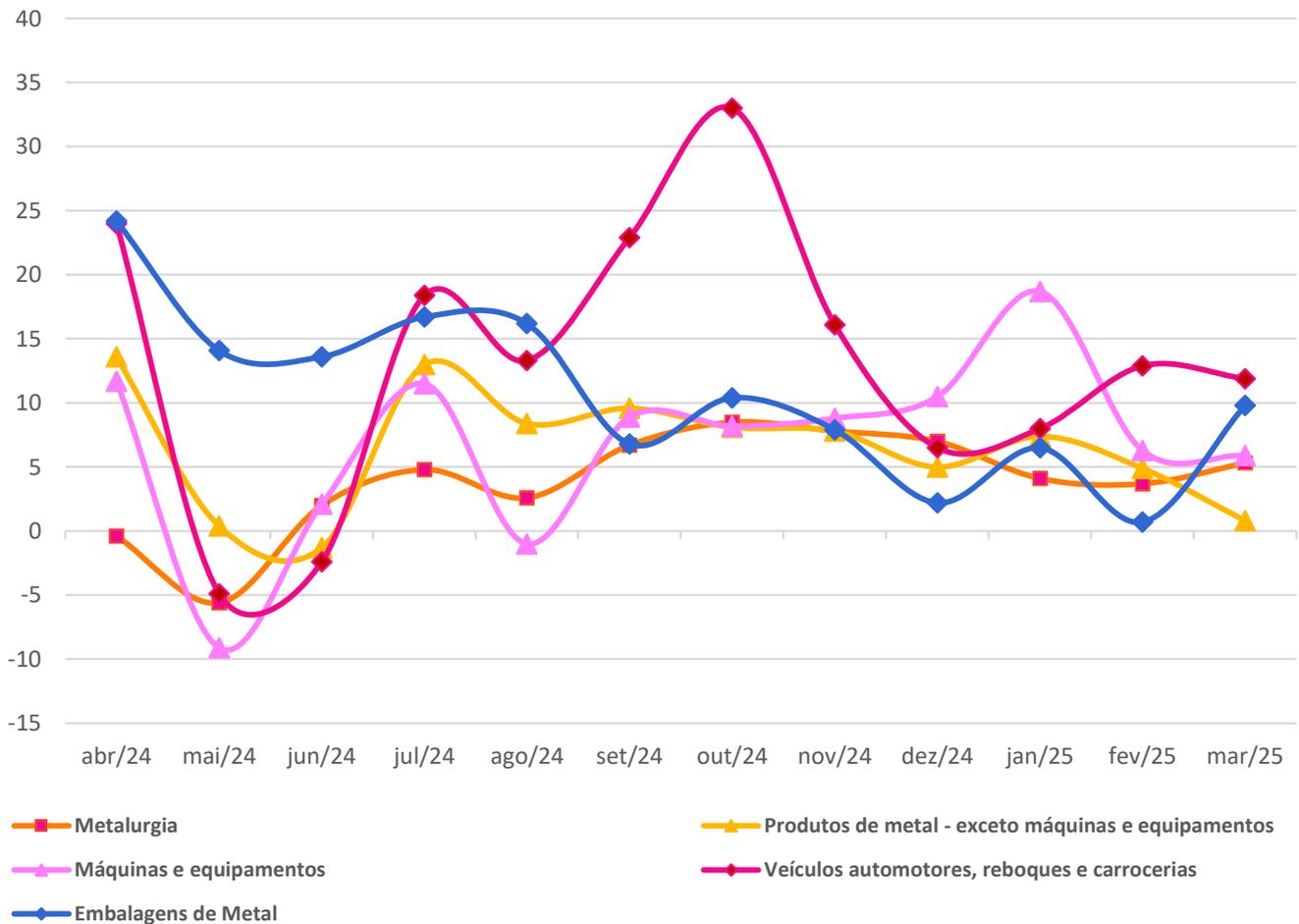
Fonte: IBGE

Em março de 2025, a produção de bens de capital apresentou queda na maioria dos segmentos. O destaque negativo foi o setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, com retração de 11%, seguido por Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, que registraram queda de 10,1%, e Outros equipamentos de transporte, com redução de 8%. O único item da categoria que apresentou crescimento foi Máquinas e equipamentos, com alta de 9,9%.

A retração do setor de bens de capital em 2025 está fortemente ligada à política monetária mais restritiva e à desaceleração econômica. Após um crescimento de 9,1% em 2024, a indústria de máquinas e equipamentos já sente os impactos da elevação dos juros, que afeta o nível de confiança dos empresários e reduz o financiamento para investimentos. Além disso, o câmbio mais elevado encarece a importação de insumos e equipamentos, pressionando os custos das empresas.

Indicadores de Produção Nacional

Bens Intermediários



Fonte: PIMPF

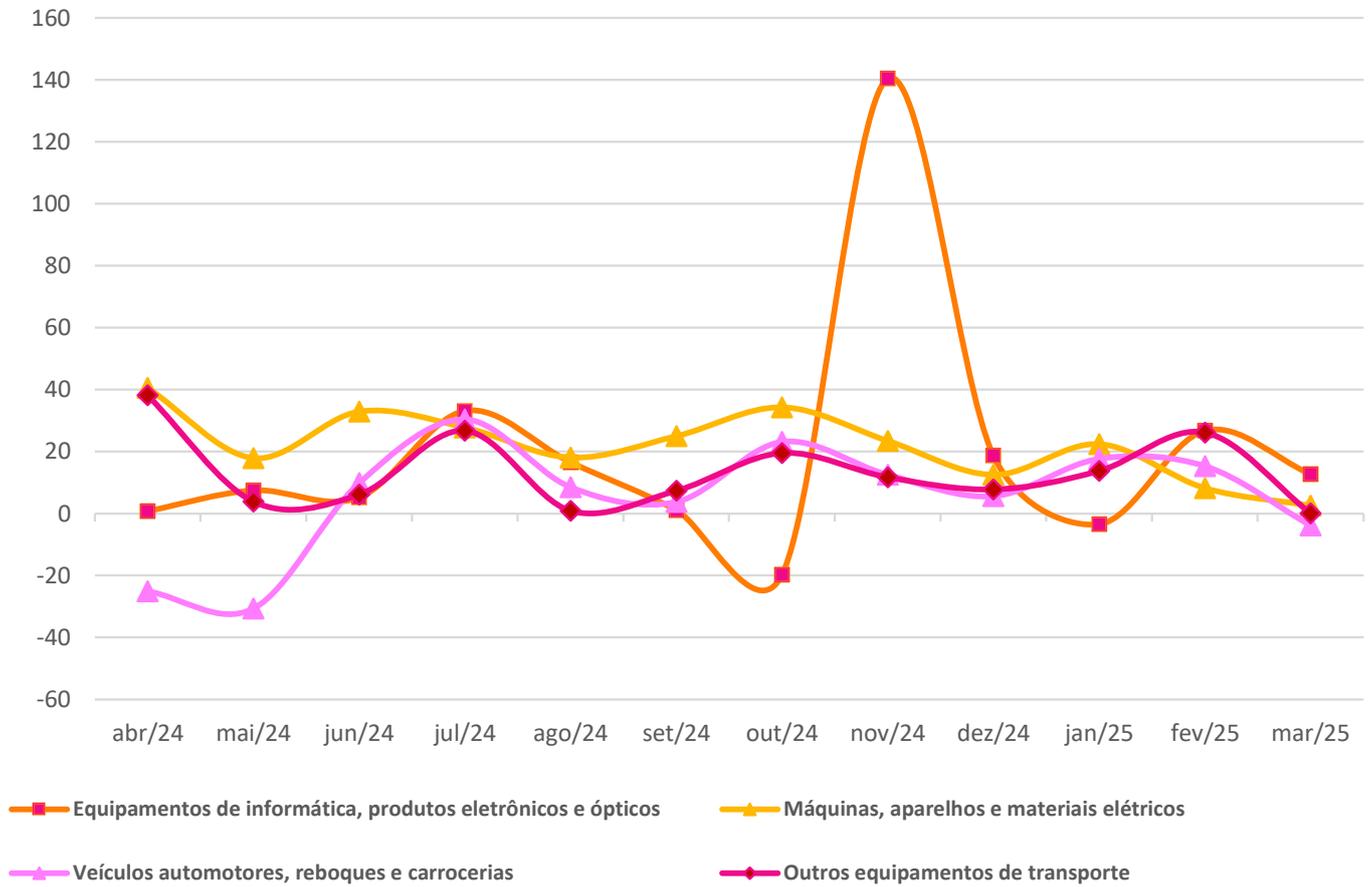
Em março de 2025, todos os segmentos de Bens Intermediários analisados apresentaram crescimento na produção. O principal destaque foi o setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, com alta de 11,9%. Em seguida, destacaram-se os aumentos de 9,8% nas Embalagens de metal, 5,9% em Máquinas e equipamentos, 5,3% na Metalurgia e 0,8% nos Produtos de metal.

O setor de bens intermediários no Brasil enfrenta um desempenho fraco em meio à

desaceleração industrial e incertezas globais. Dados do PMI (Índice de Gerentes de Compras) mostram que a atividade industrial quase estagnou em abril, com o índice caindo para 50,3, próximo à marca que separa crescimento de contração. A demanda interna e externa segue enfraquecida, com novos pedidos recuando pela primeira vez em 16 meses. A confiança empresarial também atingiu seu nível mais baixo em cinco anos, refletindo preocupações com o cenário econômico global.

Indicadores de Produção Nacional

Bens de Consumo



Fonte: PIMPF

Em março de 2025, o setor de Bens de Consumo apresentou, em sua maioria, crescimento na produção. Os principais destaques foram os segmentos de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, com alta de 12,8%, Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, que cresceram 2,6%, e Outros equipamentos de transporte, que também registraram expansão. A única exceção foi o segmento de Veículos automotores, reboques e carrocerias, que apresentou queda de 3,8%.

A produção de bens de consumo duráveis no Brasil tem sofrido com a alta dos juros, a inflação e o endividamento das famílias, reduzindo a demanda e dificultando o crescimento do setor. Além disso, a escassez de insumos e os problemas logísticos globais afetaram segmentos demandantes de tecnologia, com a falta de microchips chegando a interromper a produção de diversas empresas.

Indicador IPEA mensal de FBCF - Fevereiro

Taxas de crescimento do Indicador Ipea mensal de FBCF (Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado ¹				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Dez./24	Jan./25	Fev./25	Trim. ²	Dez./24	Jan./25	Fev./25	Trim.	No ano	Em doze Meses
FBCF	-0,6	0,4	13,3	4,4	7,9	5,4	22,2	11,9	13,7	8,5
Máquinas e equipamentos	2,0	-0,2	25,3	9,8	14,9	9,9	48,4	24,7	29,1	13,2
Nacionais	-0,3	0,5	-4,4	-2,4	10,5	5,0	3,8	6,2	4,4	4,9
Importados	1,0	3,7	102,3	39,6	23,4	19,2	147,5	59,9	78,8	30,0
Construção civil	-3,2	-1,5	3,7	-1,5	5,8	1,0	6,4	4,4	3,7	4,5
Outros ativos fixos	-3,0	3,2	-0,3	-1,1	10,4	12,6	10,0	11,0	11,3	11,4

Fonte: Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Sazonalmente ajustado pelo IPEA (método X-13).

² Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

O Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que agrega os investimentos em máquinas e equipamentos, na construção civil e em outros ativos fixos, registrou um avanço de 13,3% na comparação entre fevereiro e janeiro na série com ajuste sazonal. O resultado sucedeu à alta de 0,4% ocorrida no período anterior. Com isso, o trimestre móvel encerrado em fevereiro registrou expansão de 4,4% na comparação dessazonalizada. Nas comparações com os mesmos períodos de 2024, o indicador mensal apresentou crescimento de 22,2% em fevereiro e alta de 11,9% no trimestre móvel.

No acumulado em doze meses, por sua vez, os investimentos totais apresentaram uma expansão de 8,5%. Na comparação com ajuste sazonal, os investimentos em máquinas e equipamentos – medidos segundo o conceito de consumo aparente, que corresponde à produção

nacional destinada ao mercado interno acrescida das importações – apresentaram um avanço de 25,3% em fevereiro, encerrando o trimestre móvel com crescimento de 9,8%. Quanto a seus componentes, enquanto a produção nacional recuou 4,4%, as importações cresceram 102,3%, influenciadas pela compra de três plataformas de petróleo no período.

(IPEA) Consumo aparente de bens industriais – Fev.

Consumo aparente de bens industriais *versus* produção industrial (PIM-PF)

(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado ¹				Mês/Igual mês do ano anterior				Acumulado	
	Dez./24	Jan./25	Fev./25	Trim. ²	Dez./24	Jan./25	Fev./25	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Consumo Aparente	0,3	0,8	1,3	-0,1	6,3	5,8	7,7	6,6	6,7	6,1
Bens Nacionais	1,5	-1,4	-0,3	-0,8	4,7	1,9	0,8	2,4	1,3	2,7
Bens Importados	-5,7	10,8	7,0	2,4	11,2	19,7	33,9	21,4	26,4	18,8
Produção Industrial (PIM-PF)	-0,3	0,0	-0,1	-0,9	1,4	1,3	1,5	1,4	1,4	2,6

Fonte: Ipea, IBGE e Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

Notas:

¹ O procedimento de ajuste sazonal é realizado não apenas nos componentes, mas também na série de consumo aparente e, portanto, não é possível assegurar que a aditividade seja preservada.

² Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

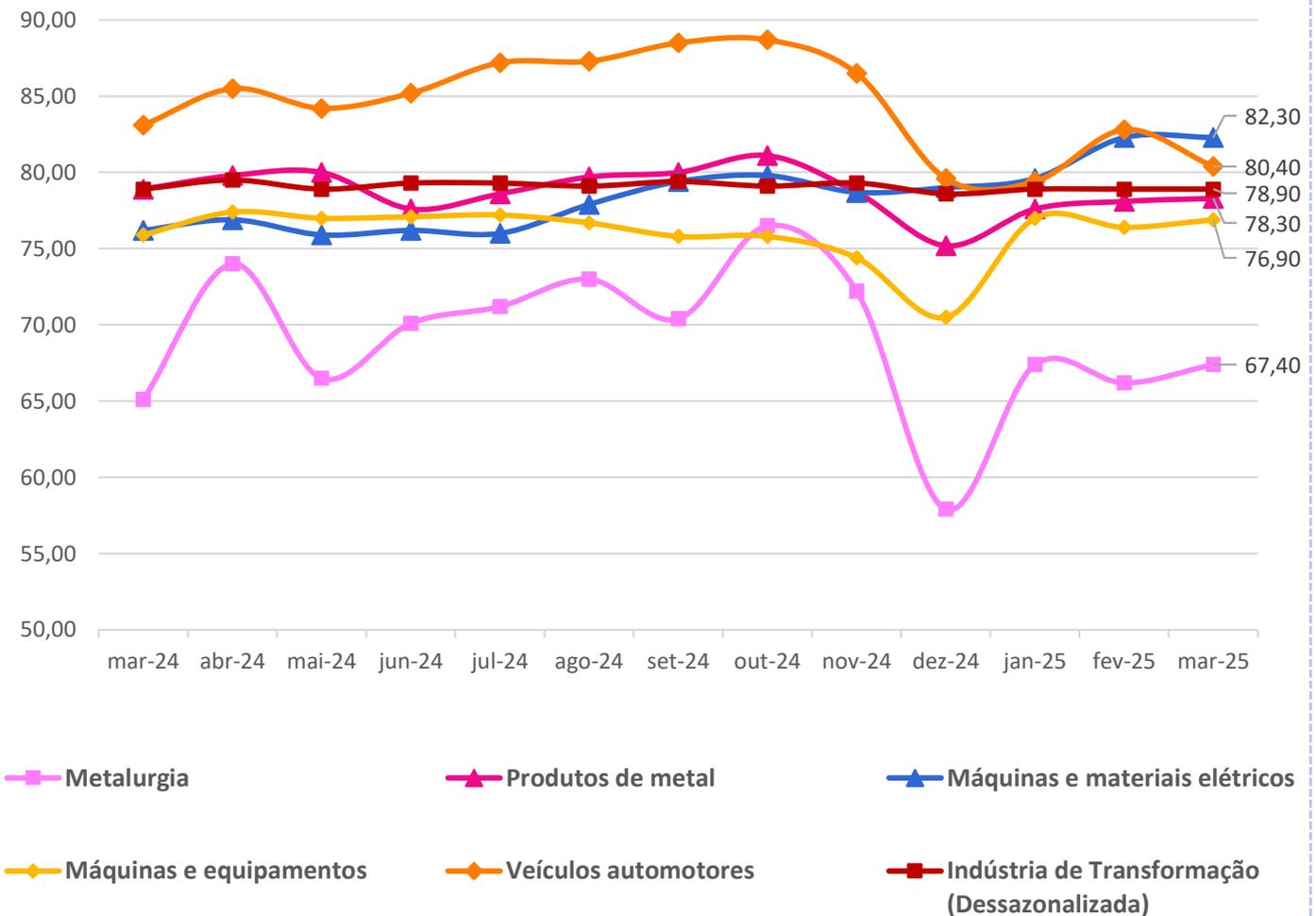
O Indicador Ipea Mensal de Consumo Aparente de Bens Industriais avançou 1,3% na comparação entre fevereiro e janeiro na série com ajuste sazonal. O indicador é uma proxy da demanda interna por bens industriais – definido como a parcela da produção industrial doméstica destinada ao mercado interno, acrescida das importações. Esse resultado ocorreu em razão da queda de 0,3% da produção interna destinada ao mercado nacional (bens nacionais) e da alta de 7,0% das importações de bens industriais, conforme mostra a tabela.

A expansão em fevereiro foi a terceira consecutiva na série dessazonalizada. Ainda assim, o trimestre móvel encerrado nesse mês caiu 0,1% na margem, quando comparado com aquele encerrado em novembro. Na comparação

interanual, enquanto o indicador mensal subiu 7,7% em relação a fevereiro de 2024, o indicador em médias móveis trimestrais aumentou 6,6%. No acumulado em doze meses, a demanda por bens industriais registrou alta de 6,1% em fevereiro, contrastando com a elevação de 2,6% apontada pela Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PIM-PF/IBGE).

Utilização da Capacidade Instalada

Utilização da Capacidade Instalada – percentual médio - Brasil - CNI



Fonte: CNI

A Utilização da Capacidade Instalada, indicador de produtividade elaborado pela CNI, apresentou estabilidade pelo segundo mês consecutivo em março de 2025. Entre os subsetores analisados, verificaram-se os seguintes resultados:

- **Metalurgia:** 1,81%
- **Máquinas e equipamentos :** 0,65%
- **Produtos de metal:** 0,26%
- **Máquinas e materiais elétricos:** 0,00%
- **Veículos automotores:** -2,90%

Em comparação com o mês de março do ano anterior, houve queda de 0,38% na UCI, com destaque para o setor de Metalurgia, que caiu 5,83%, e para o setor de Máquinas e materiais elétricos, que avançou 11,97%.

Em relação ao início do ano, o resultado de março é de estabilidade

Indicadores de Preço

Aço Nacional							
Indicadores (%)	abr	mar	fev	jan	dez	nov	12m. Ac.
BQ	-0,07	-1,98	3,92	5,01	0,16	-0,16	13,61
BF	-0,22	-0,24	4,02	3,49	2,64	-0,08	17,96
CG	-0,14	-1,97	3,94	5,06	0	0	13,33
Zincado	-0,16	-0,08	3,76	3,01	0,77	0	12,26
Galvalume	2,15	-2	3,45	5,6	2,66	-0,09	30,04
Xadrez	-0,22	-1,98	3,98	5,11	0	-0,15	13,29
Arame	-0,22	0	2,01	-1,1	-2,79	0,22	5,68
Barra Chata	-0,06	-0,06	6,01	-0,12	0	0,05	17,1
Barra Redonda	-0,07	0	6,02	0,2	-0,13	0,07	17,46
Cantoneira	-0,06	0	3,04	0	-0,06	0,19	13,52
Perfil I	0	-0,07	3,32	0,09	0,06	0,14	14,04
Perfil UDC	0	-2,02	3,9	4,47	0,02	0	13,62
Prego	-0,09	0	3,98	-5,68	-0,43	0	3,7
Tela	2,36	-3,02	0,1	-1,54	-0,31	0,2	7,07
Telha	0,07	-0,4	2,67	0,27	-0,18	0	6,07
Tubo	0	-0,1	4	3	2,82	0,16	12,59
Vergalhão	-0,98	-2,05	1,04	-2,04	-0,99	0	4,95
Chapa Inox	-2,11	0	7,73	0	0,92	2,83	23,4
Barra Inox	0	0,02	4,06	0	3	1,57	19,49
Cantoneira Inox	-1,89	0,25	0,83	0	3,98	1,58	16,34
Tubo Inox	0	0,09	2,92	0	2,54	1,19	17,1
Sucata	-3,96	-8,83	3,74	-2,98	-1,02	0,88	-1,81
Aço Importado							
Indicadores (%)	abr	mar	fev	jan	dez	nov	12m. Ac.
HRC	-1,16	-0,97	-1,31	-0,26	-1,75	-2,14	-13,9
CRC	-0,73	-1,08	-1,58	1	-2,05	-1,88	-11,9
HDG	-0,58	1,36	-1,08	0,1	-1,95	-1,56	-12,45
Plate	-0,98	0,29	0,04	-3,74	-0,61	-1,67	-15,65
Rebar	0,73	-0,88	-0,42	-0,92	-1,06	-0,64	-7,09
Wire rod	0,74	-0,85	-0,63	-0,94	-1,04	-0,82	-7,4

Fonte: INFOMET

Os preços do aço no Brasil estão em queda devido a fatores como o excesso de oferta no mercado global, a desaceleração da economia e as incertezas comerciais. Além disso, flutuações cambiais e mudanças na demanda interna e externa também afetam essa tendência. A expectativa é que essa redução continue ao longo do primeiro semestre de 2025, possivelmente

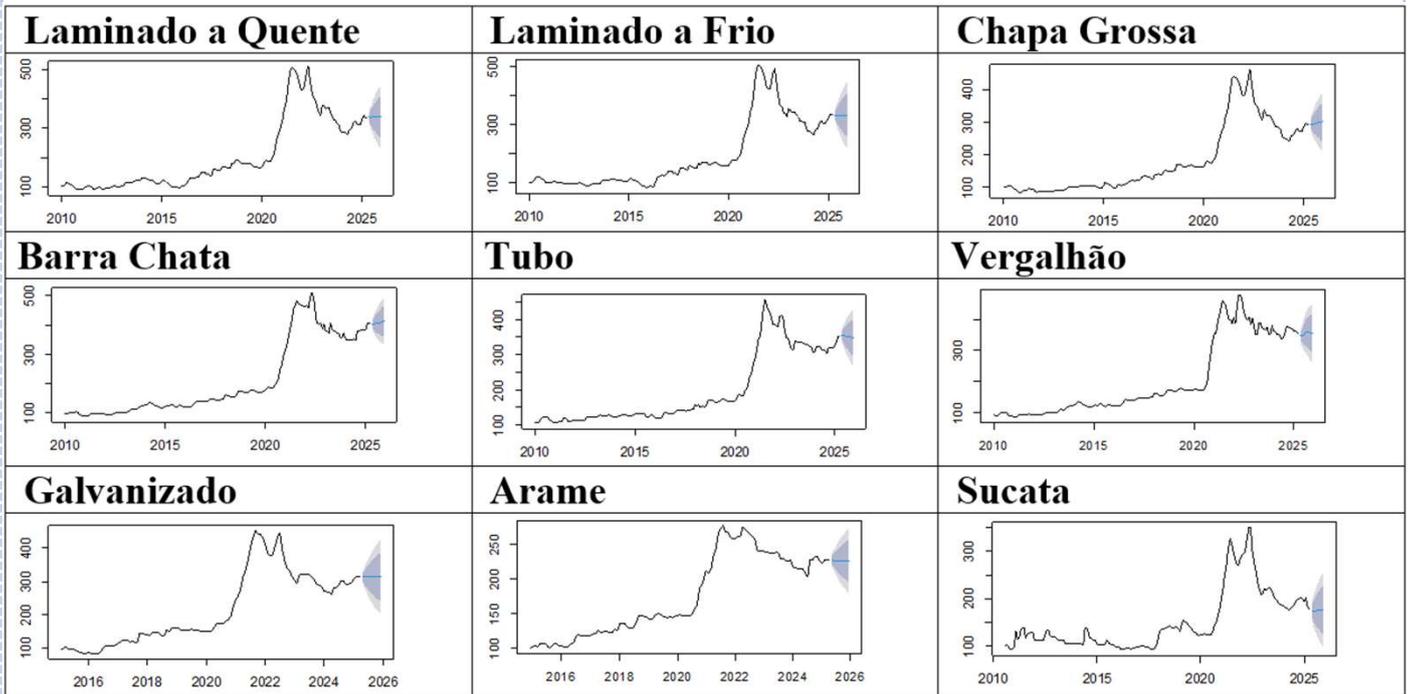
atingindo seu menor patamar entre o meio e o fim do ano.

A previsões cortes na produção de aço na China este ano devido ao excesso de oferta, demanda enfraquecida e pressões externas, o que pode impactar diretamente as exportações e o equilíbrio global dos preços. O governo chinês pretende reestruturar a indústria siderúrgica, mas

ainda sem detalhes sobre o momento e a escala dos cortes. A expectativa é que as exportações de aço caiam cerca de 15 milhões de toneladas em 2025, enquanto as exportações indiretas de produtos manufaturados também devem diminuir. Outro fator relevante é preço do minério de ferro tem se mantido próximo de US\$ 100 por tonelada devido à gestão de estoques e à cautela das mineradoras diante das incertezas comerciais e da demanda enfraquecida. As importações chinesas cresceram no início do ano,

impulsionadas por compras estratégicas, mas os altos estoques nos portos chineses reduzem a pressão por novas aquisições, o que pode impactar os preços. A Vale aposta em sua competitividade para enfrentar os desafios do mercado, enquanto analistas alertam para uma possível queda nos preços no segundo semestre. A expectativa é que a nova mina de Simandou, na Guiné, a partir de 2026, altere a dinâmica da oferta e pressione ainda mais os produtores tradicionais.

Previsão de Preços do Aço

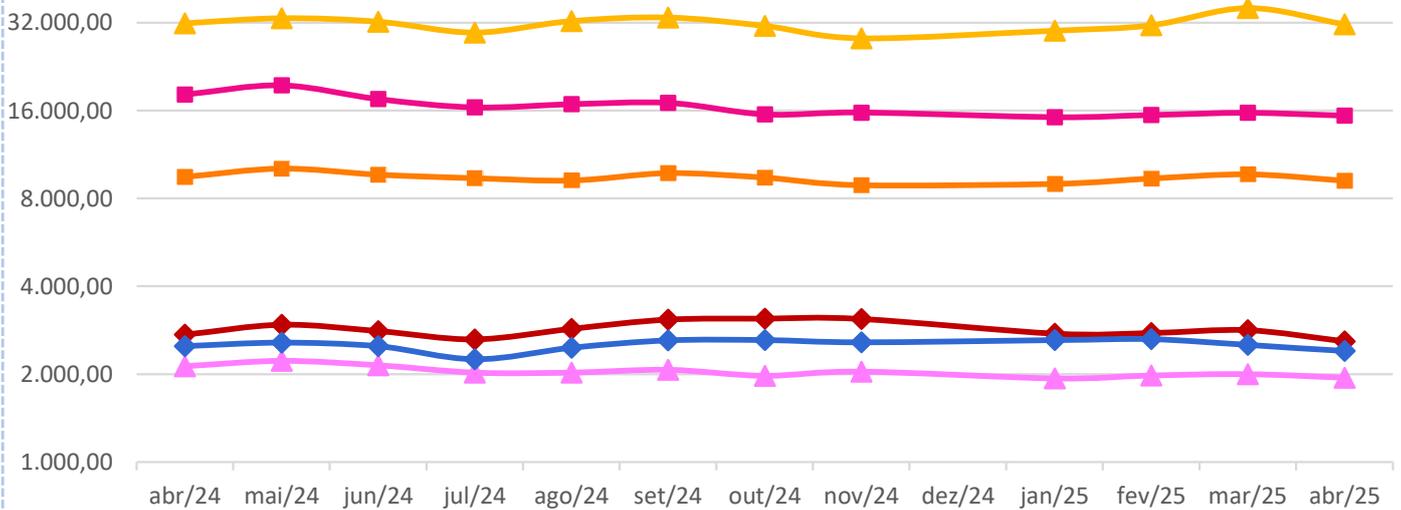


A continuidade das incertezas econômicas e da política comercial internacional tem gerado variações nas projeções dos preços dos diferentes tipos de aço. As previsões indicam estabilidade para “Laminado a Frio”,

“Galvanizado” e “Arame”, enquanto pequenos aumentos são observados em “Laminado a Quente”, “Chapa Grossa”, “Barra Chata” e “Vergalhão”. Já os preços da “Sucata” parecem estar retomando uma tendência de alta.

Preço dos metais

Preço dos Metais (LME)



■ Cobre
 ▲ Estanho
 ▲ Chumbo
 ◆ Zinco
 ◆ Alumínio
 ■ Níquel

Fonte: Westmetall

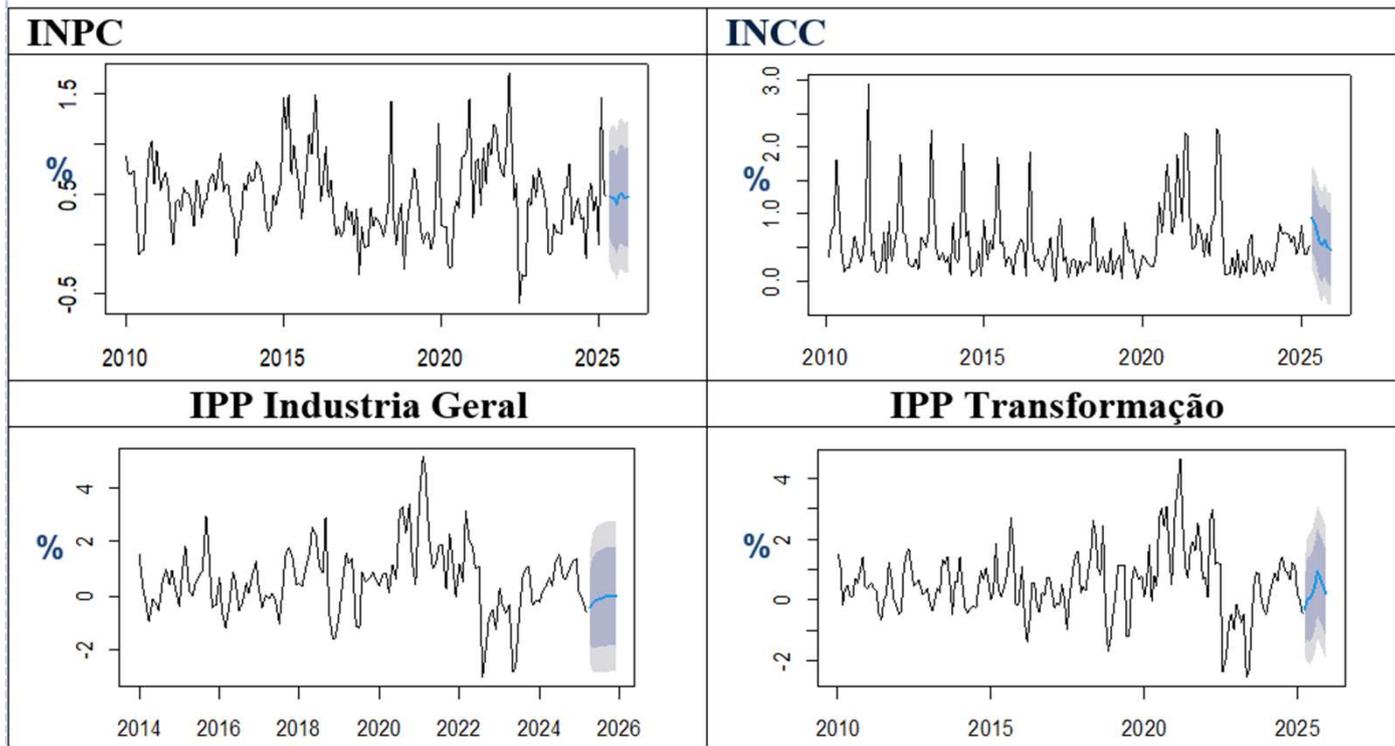
O preço do estanho recuou 11,99% em abril, pressionado por uma combinação de fatores. A desaceleração da atividade industrial na China, principal consumidor global do metal, reduziu a demanda, enquanto a normalização das exportações da Indonésia, após a aprovação de novas cotas, aumentou a oferta no mercado internacional. Além disso, a intensificação da guerra comercial entre Estados Unidos e China, com a imposição de tarifas mútuas, elevou a incerteza nos mercados, impactando negativamente os preços dos metais industriais.

O zinco registrou uma queda de 8,34% em abril, influenciado por um cenário de oferta abundante e demanda enfraquecida. A retomada de operações em minas na República Democrática do Congo e na Rússia aumentou a produção global, enquanto a demanda

permaneceu estagnada, especialmente nos setores de construção e automotivo na Europa. A escalada das tensões comerciais entre Estados Unidos e China também contribuiu para a retração dos preços.

O cobre teve uma desvalorização de 4,85% em abril. A contração da atividade fabril na China, evidenciada pelo índice PMI mais baixo em 16 meses, sinalizou uma demanda enfraquecida. Simultaneamente, o aumento das tarifas comerciais entre Estados Unidos e China elevou os temores de uma recessão global, afetando negativamente as perspectivas para o metal. Apesar de uma redução nos estoques globais, o ambiente macroeconômico adverso e a falta de progresso nas negociações comerciais pesaram sobre os preços.

Indicadores de inflação



Fonte: IBGE e FGV

A projeção do INPC acumulado para 2025 está estimada em 6,35% (linha azul), valor muito próximo da taxa de aumento da Base Monetária divulgada pelo Bacen (6,1%). A faixa de variação situa-se entre 2,49% e 10,52% (áreas sombreadas).

O cálculo da previsão do IPP acumulado da Indústria de Transformação aponta para 3,32%, uma queda significativa em relação à projeção anterior. As oscilações variam entre -

8,20% e 16,17%. Já na Indústria Geral, o acumulado possivelmente será de 3,39%, com um intervalo de variações entre -10,54% e 19,24%.

O INCC projetado para 2025 é de 7,62%, com possíveis variações entre 3,17% e 12,23%.

Por fim, o comparativo entre o IPP e o INPC revela uma queda nos preços recebidos pelos industriais, assim como nos enfrentados pelos consumidores.

Indicadores de inflação

Setor	Out. 23 - Mar.25
METALURGIA	
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL, EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA, PRODUTOS ELETRÔNICOS E ÓPTICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS	
FABRICAÇÃO DE OUTROS EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES	
INPC	

Fonte: IBGE

Indicadores de inflação

Taxas de IPCA, INPC e IGP-DI – 2025 (Out/24 – Mar/25)

Mês/ano	IPCA (%)	INPC (%)	IGP-DI (%)
nov/24	0,39	0,33	1,18
dez/24	0,52	0,48	0,87
jan/25	0,16	0,00	0,11
fev/25	1,31	1,48	1,00
mar/25	0,56	0,51	-0,50
abr/25	0,43	0,48	0,30
Acum. 12 Meses	5,53	5,32	8,11

Fonte: IBGE e FGV

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de abril foi de 0,43%, ficando 0,13 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de março (0,56%). Esse foi o maior IPCA para um mês de abril desde 2023 (0,61%). No ano, o IPCA acumula alta de 2,48% e, nos últimos doze meses, o índice ficou em 5,53%, acima dos 5,48% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em abril de 2024, a variação havia sido de 0,38%.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) teve alta de 0,48% em abril. No ano, o acumulado é de 2,49% e, nos últimos 12 meses, de 5,32%, acima dos 5,20% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em abril

de 2024, a taxa foi de 0,37%.

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) subiu 0,30% em abril. No mês de março, a taxa havia sido de -0,50%. Com este resultado, o índice acumula alta de 0,90% no ano e 8,11% em 12 meses. Em abril de 2024, o IGP-DI havia caído 0,72% e acumulava queda de 2,32% em 12 meses.

(IPEA) Inflação por faixa de renda - Abril

Inflação por faixa de renda

(Em %)

	Variação mensal			Variação acumulada	
	Fev./25	Mar./25	Abr./25	Ano	Doze meses
IPCA	1,31	0,56	0,43	2,48	5,53
Renda muito baixa	1,59	0,56	0,60	2,59	5,43
Renda baixa	1,52	0,54	0,57	2,56	5,60
Renda média-baixa	1,41	0,56	0,50	2,54	5,54
Renda média	1,28	0,55	0,41	2,48	5,56
Renda média-alta	1,21	0,57	0,40	2,55	5,50
Renda alta	0,90	0,60	0,14	2,21	5,55

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

Obs.: IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.

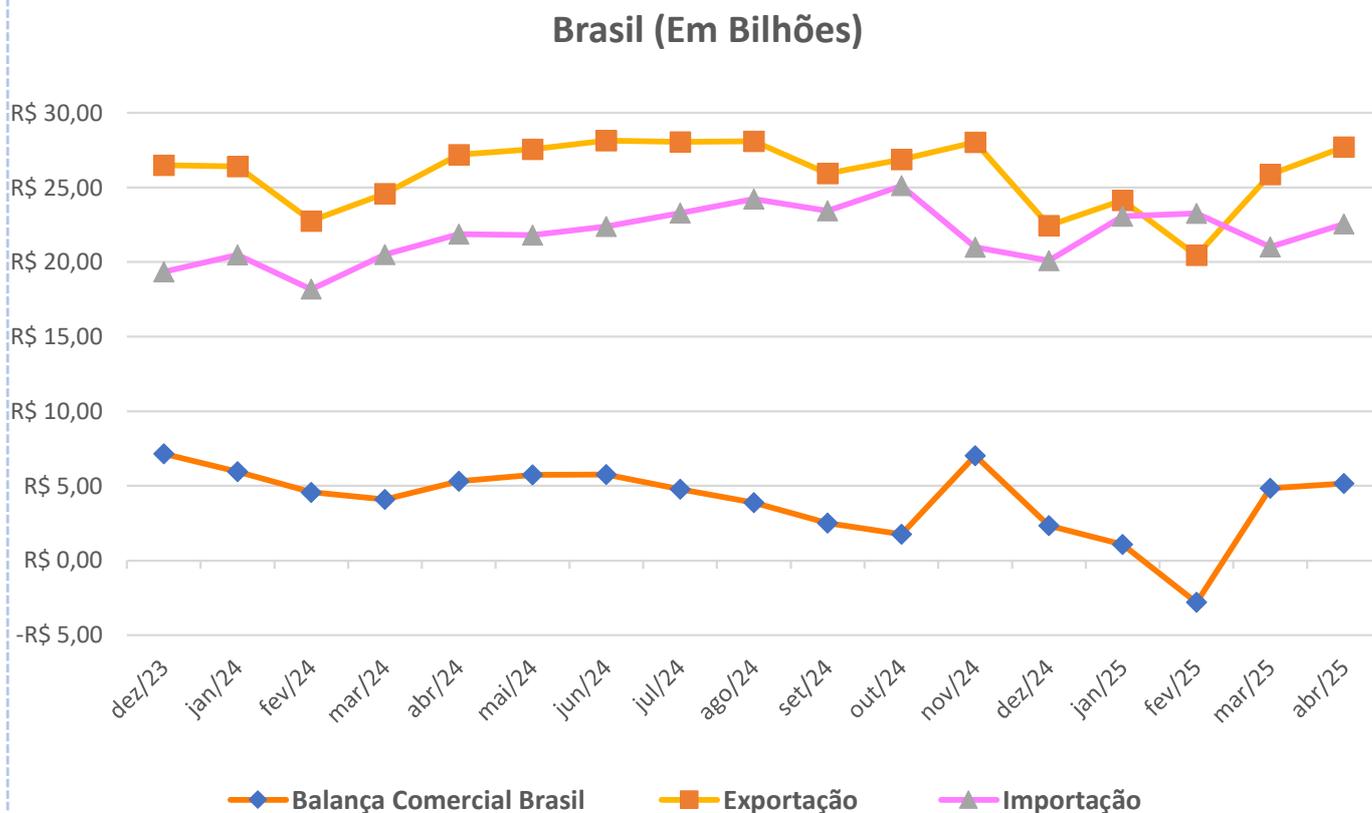
Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

Os dados do Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda mostram que, em abril, a despeito da alta menos acentuada dos preços dos alimentos no domicílio e da leve retração da tarifa de energia elétrica, houve uma alta da inflação, na margem, para as duas classes com rendas mais baixas. Para os demais estratos, no entanto, observa-se uma desaceleração da inflação, que foi especialmente mais significativa no segmento de renda alta.

Por certo, enquanto a taxa de inflação da faixa de renda muito baixa avançou de 0,56%, em março, para 0,60%, em abril, a taxa registrada na classe de renda alta recuou de 0,60% para 0,14%, no mesmo período, beneficiada, sobretudo, pela

queda nos preços das passagens aéreas e dos combustíveis. Em que pese este desempenho menos favorável em abril, no acumulado de doze meses, a faixa de renda muito baixa registra a menor inflação (5,43%), ao passo que o segmento de renda média apresenta a taxa mais elevada (5,56%).

Balança comercial



Fonte: Comex Brasil

Em abril de 2025, a balança comercial brasileira registrou alta de 6,61% em relação a março. As exportações cresceram 7,15%, enquanto as importações avançaram 7,28% no período. Na comparação com abril de 2024, as exportações subiram 1,88% e as importações aumentaram 3,07%. Apesar desse crescimento, o saldo comercial apresentou retração de 2,98% frente ao mesmo mês do ano anterior.

Segundo as estimativas mais recentes do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), divulgadas em abril, o superávit comercial de 2025 deve alcançar US\$ 70,2 bilhões — uma queda de 5,4% em relação a 2024. A próxima revisão está prevista para julho.

De acordo com o MDIC, as exportações devem crescer 4,8% neste ano, totalizando US\$ 353,1 bilhões, enquanto as importações devem avançar 7,6%, encerrando o ano em US\$ 282,9 bilhões. No entanto, essas projeções ainda não consideram os impactos do aumento de tarifas promovido por Donald Trump nos EUA, nem da possível retaliação comercial por parte da China, o que pode levar a uma revisão das estimativas.

O mercado financeiro, por sua vez, mantém expectativas mais otimistas. Segundo o Boletim Focus, divulgado semanalmente pelo Banco Central, o superávit comercial deve chegar a US\$ 75 bilhões em 2025.

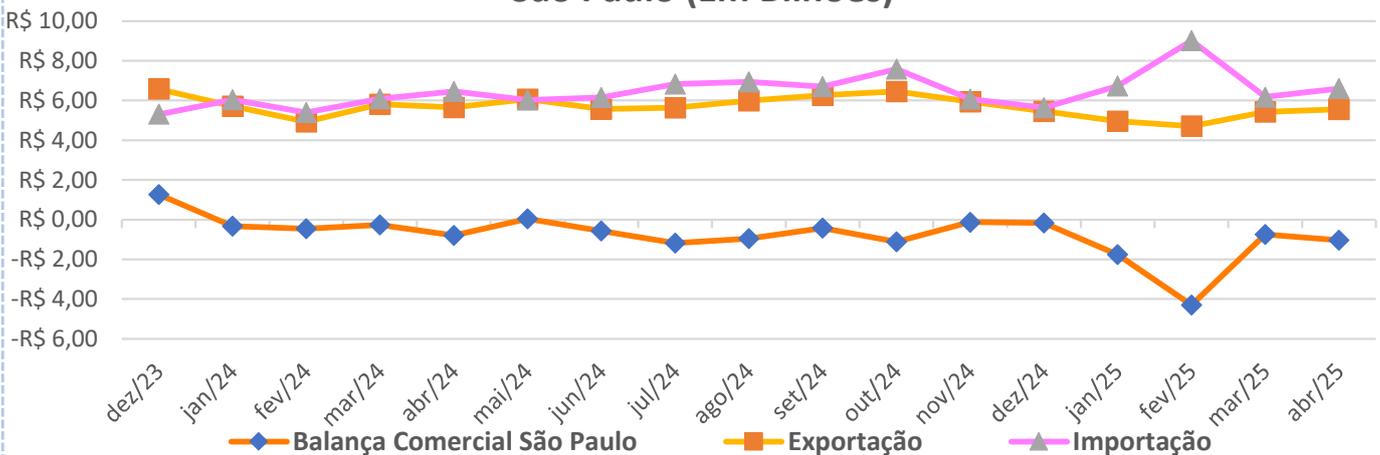
Balança comercial

Em abril de 2025, a balança comercial do estado de São Paulo registrou uma queda expressiva de 38,67% em relação a março. Esse resultado foi influenciado por um leve aumento de 2,40% nas exportações, contrastando com uma forte redução de 6,81% nas importações.

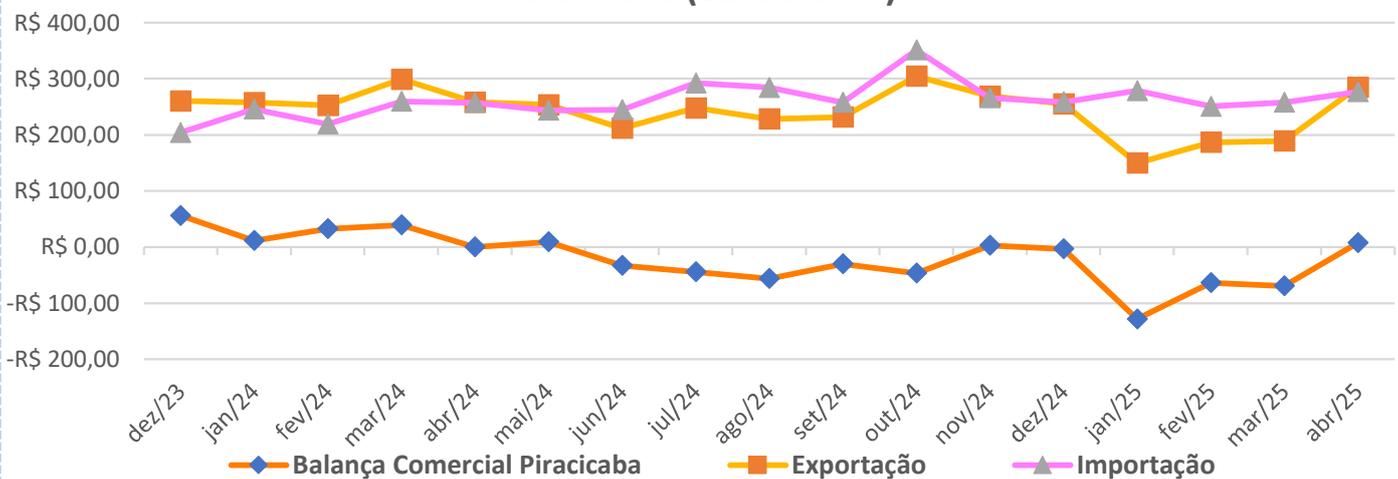
Na comparação anual, o cenário é ainda mais desfavorável: as exportações paulistas caíram 29,26% em relação a abril de 2024, enquanto as importações cresceram 2,25%. Esse movimento ampliou o desequilíbrio da balança comercial do estado.

Na balança comercial de Piracicaba apresentou um salto em abril de 110% em relação ao mês anterior. O resultado foi impulsionado por um forte crescimento de 50,68% nas exportações, enquanto as importações também avançaram, embora em ritmo mais moderado, com alta de 7,24%.

São Paulo (Em Bilhões)



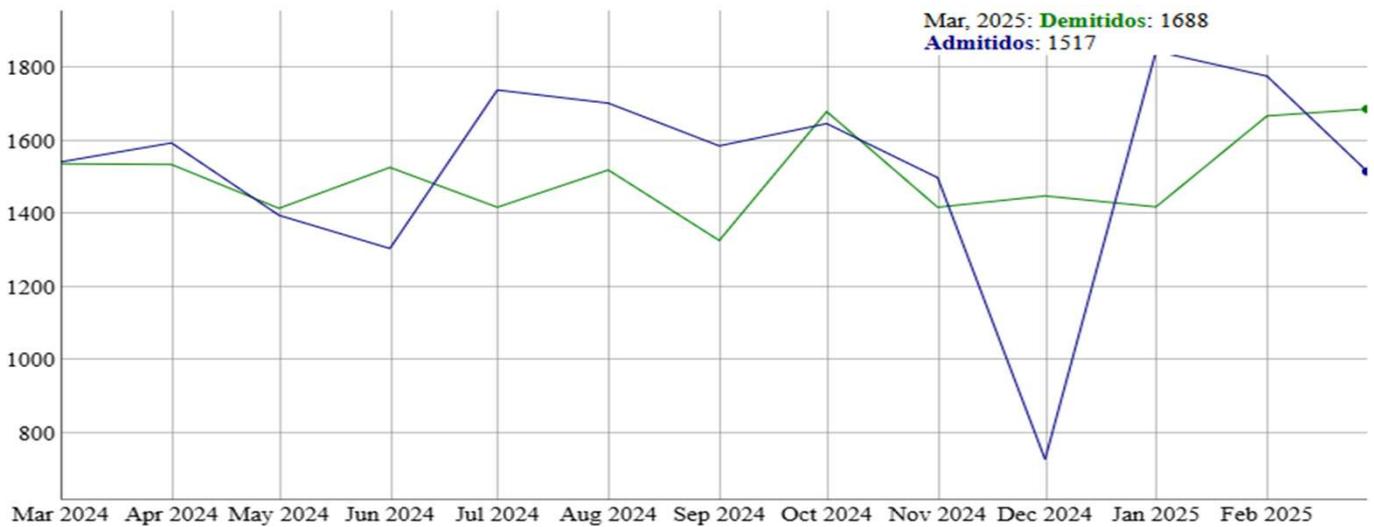
Piracicaba (Em Milhões)



Fonte: Comex Brasil

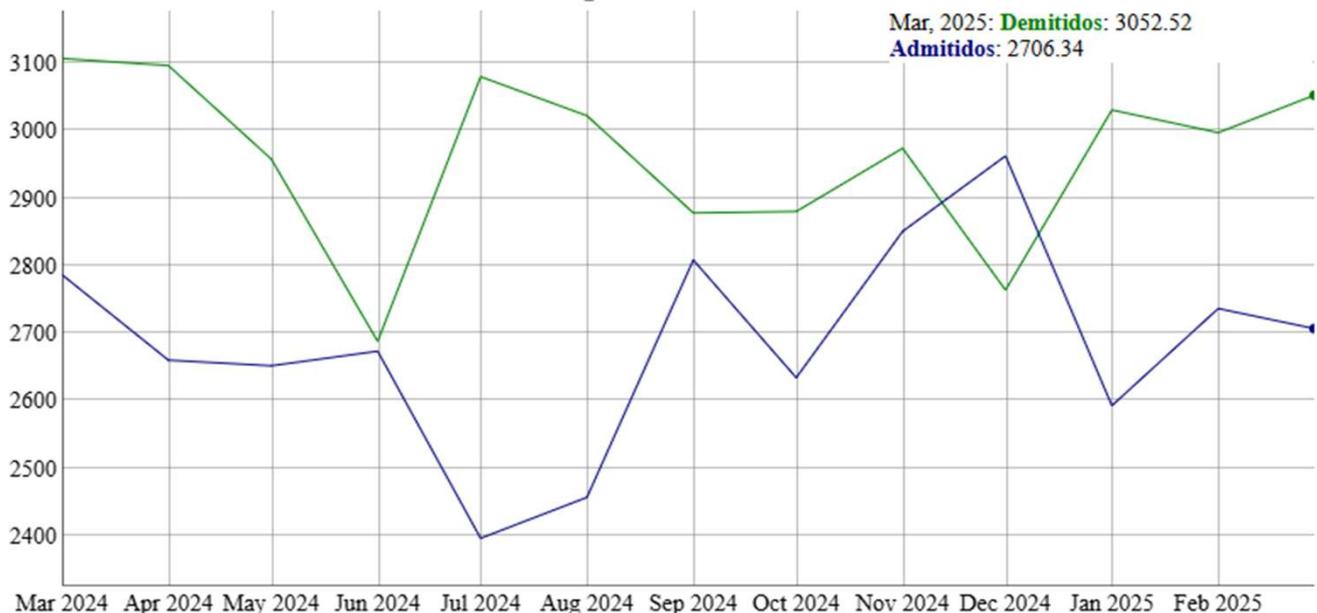
Mercado de Trabalho

Número de admissões e demissões – região SIMESPI



Fonte: calculado pelos autores com base no CAGED

Salário Médio deflacionado – Ocupações, região SIMESPI



Fonte: calculado pelos autores com base no CAGED

O mercado de trabalho na Região do SIMESPI vem refletindo a percepção do empresário sobre os rumos da economia global e nacional. Mesmo com a proatividade e resiliência presentes na economia da Região Metropolitana de Piracicaba, o setor produtivo, além de sofrer com o efeitos da desaceleração econômica,

enfrenta uma crise na confiança. O mercado de Trabalho mostra um número quase equivalente de demissões e admissões, além de salários deflacionados com pouca diferença entre as duas modalidades.

Glossário

Nas análises realizadas no Boletim de Conjuntura Industrial do Painel Econômico ESALQ-USP, a equipe usualmente utiliza indicadores, índices e estatísticas econômicas para embasar o quadro da economia no momento. Entretanto, a intenção do Boletim é proporcionar informações de fácil acesso e interpretação para nossos leitores, mesmo que esses não sejam da área mais técnica da ciência econômica. Portanto, esse glossário têm como objetivo explicar alguns termos e os indicadores utilizados nesse Boletim.

Os **indicadores econômicos** representam essencialmente dados e/ou informações "sinalizadoras" ou "apontadoras" do comportamento (individual ou integrado) das diferentes variáveis e fenômenos componentes de um sistema econômico de um país, região ou estado (LOURENÇO *et al.*, 2002). Ou seja, os indicadores econômicos são medidas de como a economia está em determinado escopo temporal. Dentre os indicadores utilizados no Boletim, destacam-se:

-ICEI: Pesquisa em índice de difusão (varia entre 0 e 100) que metrifica a confiança dos empresários industriais. Por meio desta, é possível identificar tendências da indústria e a propensão do empresariado à reter ou realizar novos investimentos.

-Horas trabalhadas na produção: Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), mede o total de horas efetivamente trabalhadas pelo pessoal

empregado na produção.

-Emprego industrial: Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), que mede o total de pessoas empregadas em atividade industrial, diretamente ou indiretamente ligadas ao processo produtivo.

-Produção de aço no Brasil: Analisa o volume total de aço fabricado em determinado período, avaliando a atividade da indústria siderúrgica, a demanda por aço e o nível de produção industrial, no Brasil. O indicador utiliza dados das estatísticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

-Comercialização de aço no Brasil: Analisa a comercialização total de aço no Brasil, envolvendo principalmente o consumo aparente, vendas internas, exportações e importações de produtos siderúrgicos, possibilitando entender as dinâmicas de consumo no setor siderúrgico brasileiro e tendências futuras. O indicador utiliza dados das estatísticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

-Indicadores de inflação: Indicadores como o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), Índice Nacional de Preços ao Consumidor e Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), permitem acompanhar a flutuação de preços em diversos cenários.

-Previsão dos preços de aço: Previsão do preço de nove tipos de aço, elaboradas em software estatístico pelos autores.

Glossário

-Indicadores de produção: Coletados pelo IBGE na Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física são uma medida aproximada da evolução de curto prazo do valor adicionado da indústria no mês de referencia

-Bens de capital: Produção de bens que serão utilizados como meio de produção de outros bens.

-Bens intermediários: Bens utilizados na produção de outros bens, mas em forma de insumos em um processo produtivo.

-Bens de consumo: Bens adquiridos e utilizados diretamente pelo consumidor final, como itens de alimentação, vestuário e eletrodomésticos, entre outros.

-Formação bruta de capital fixo: Mede quanto as empresas aumentaram seus bens de capital, ou seja, aqueles bens que servem para produzir outros bens (IPEA, 2004). O indicador utilizado no Boletim é o indicador mensal de FBCF do IPEA, sendo encontrado nas Cartas de Conjuntura do instituto.

-Consumo aparente de bens industriais: O indicador é uma representação aproximada da demanda interna por bens industriais – definido como a parcela da produção industrial doméstica destinada ao mercado interno, acrescida das importações (IPEA). O indicador é calculado, também, pelo IPEA e pode ser encontrado na Carta de Conjuntura.

-Utilização da capacidade instalada: Porcentagem média da utilização da capacidade

industrial instalada, podendo variar de 0% a 100%.

-Indicadores do preço: Variação mensal e acumulada do preço de 26 tipos de aço, entre nacionais e importados, coletados no INFOMET.

-Preços dos metais (LME): Preço de diversos metais de base negociados na bolsa de metais de Londres, coletados geralmente no último dia do mês de referência.

-Balança comercial: Estatísticas acerca do comércio exterior realizado pelo Brasil. O resultado da balança comercial é igual à diferença entre as exportações e importações realizadas no período, sendo negativa quando há mais importações do que exportações, e positiva quando o contrário acontece.

Os indicadores utilizados pelo boletim são expressos de diversas maneiras, como em percentual de variação e índice, podendo ser dessazonalizados ou não:

-Percentual de variação: Variação em porcentagem em relação ao período anterior. Ex: Indicadores de preço, Indicadores de produção.

-Índice: Indicador que utiliza os dados de um período, chamado de base fixa, como ponto de partida. Geralmente, atribui-se à base fixa o numero 100. Assim, um índice de 110 indicaria um aumento de 10% em relação ao período base.

-Dessazonalização: Eliminação estatística do efeito de eventos sazonais, como as estações, datas comemorativas, safra, entre outros, afim de verificar variações reais.



Expediente

O Boletim de Conjuntura Industrial de Piracicaba é elaborado mensalmente pelo Grupo de Extensão em Economia e Gestão e Desenvolvimento sustentável – GEEDES e Grupo de Extensão e Pesquisa em História e Evolução da Agricultura e dos Complexos Agroindustriais – GEPHAC.

Autores

Carlos Eduardo de Freitas Vian
Bruno Pissinato
Cristiane Feltre
Carlos Henrique de Araujo
Guilherme Schnoveber Assunção
Pedro Henrique Riguetto
Samuel Darck
Victório Meireles Clais

SIMESPI

Gestão 2023 - 2025
Presidente: Érick Gomes
1º Vice-Presidente: Paulo Estevam Camargo
2º Vice-Presidente: André Simioni